

Paulo Carvalho

RECICLAGEM 11 ABR 2004

Empresas abrem fábricas no Distrito Federal, de olho em resíduos despejados pela população, que tem a maior renda per capita do país

O lixo que é um luxo

MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

Há anos o Distrito Federal figura como o local de maior renda per capita do país. Segundo o censo de 2001, a renda por habitante no DF é de R\$ 15.725 ao ano, contra R\$ 10.642 de São Paulo, segundo colocado. O alto poder aquisitivo da população está diretamente ligado a um consumo mais elevado, e, como consequência, a cidade possui um dos lixos mais ambicionados do país. As empresas de reciclagem identificam em Brasília um grande mercado produtor de matéria-prima — há caixas de papelão, latas e garrafas pet em volume superior ao encontrado em outras regiões, estima a indústria de reciclagem.

De olho nessa matéria-prima, a Tomra-Latasa planeja construir em Brasília, ainda neste ano, a sua 14ª fábrica no país. Hoje, as latinhas recolhidas na cidade são levadas em caminhões para Goiânia. Das 2,6 mil toneladas de latas coletadas por ano na unidade goiana, 10% são originárias do DF. “A geração de latas em Brasília é uma coisa assustadora. O consumo de bebidas dura o ano todo”, afirma Marco Nicodemos, gerente de Operações da empresa.

A unidade da Tomra-Latasa em Brasília demandará investimentos de R\$ 200 mil. A expectativa é empregar, no mínimo, 10 pessoas diretamente. O mais importante, no entanto, ressalta Nicodemos, será a geração de empregos indiretos. Com sede em Brasília, o volume coletado crescerá muito, necessitando um número ainda maior de catadores. Atualmente, são coletadas 20 mil latas por ano.

Embalagens

Até o final de 2004, será a vez de a Recilt abrir as portas em Brasília. A empresa recicla embalagens de tetrapark para transformação em chapas lisas que substituem o madeirite e o compensado nas construções. Serão investidos R\$ 2 milhões na indústria, com capacidade para produzir 15 mil chapas por mês, o que consumiria 200 toneladas de tetrapark. “Além da matéria-prima, Brasília tem mercado para o produto acabado”, afirma um dos sócios da empresa, Álvaro Abreu. A fábrica poderá ser construída na Ceilândia ou próximo à Estrutural. A expectativa é gerar 30 empregos diretos e outros 70 indiretos.

O potencial de Brasília é ambicionado até mesmo por companhias estrangeiras. A Var, empresa de reciclagem holandesa, fechou uma *joint-venture* com a Caenge, grupo brasiliense da construção civil, para a criação da Varengue, que dará tratamento e reciclará resíduos sólidos.

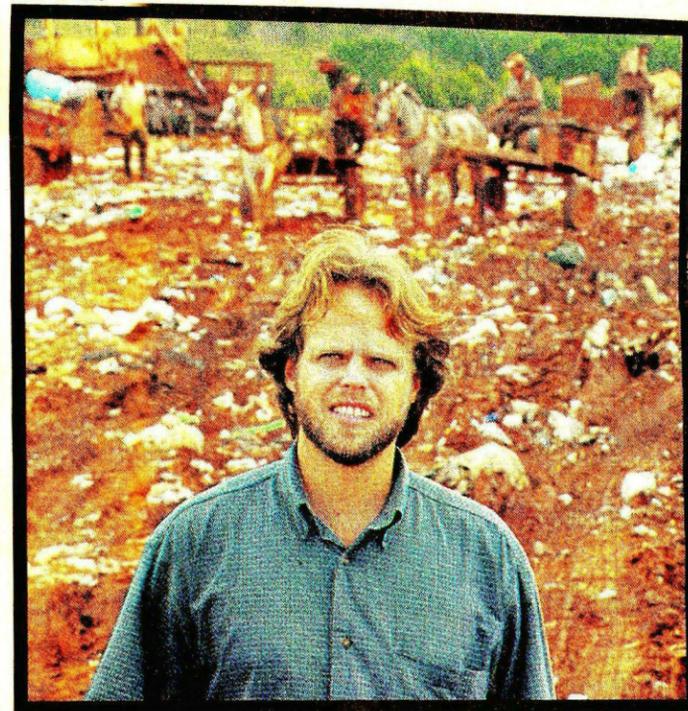
Os grupos investirão até R\$ 30 milhões na construção de uma usina. Mais de 700 catadores poderão ser empregados indiretamente. Mas, para isso, será necessário firmar parceria com o governo, o que está sendo proposto pela Caenge.

A população do DF produz 2,4 mil toneladas de lixo por dia. Deste total, menos de 7% é reci-

clado, diz o diretor de operações da Belacap, Expedito Apolinário. Mas a capacidade, segundo ele, poderia ser estendida para 50%, se houvesse coleta seletiva de lixo. No Plano Piloto, onde estão as pessoas com maior poder aquisitivo, concentra-se o lixo com potencial para a reciclagem.

Que o diga a Siderúrgica Gerda, que produz placas de aço a

partir da sucata de máquinas, automóveis e eletrodomésticos adquiridas na cidade. O alto poder de compra faz com que a população substitua os aparelhos com um período de uso bem inferior ao de outros estados. “Quanto maior o poder aquisitivo, maior é a rapidez com que as pessoas trocam os aparelhos”, afirma o vice-presidente de operações da empresa no



MARCO AURÉLIO, DA VARENGUE: INVESTIMENTOS DE R\$ 60 MILHÕES NO DF